



**Pró-Reitoria de Graduação
Curso de Psicologia
Trabalho de Conclusão de Curso**

A IRONIA COMO FUNÇÃO TERAPÊUTICA

**Autor: Joel Daniel Aguilar Ayala
Orientador: Prof. Dr. Francisco Moacir de Melo Catunda Martins**

**Brasília - DF
2014**

JOEL DANIEL AGUILAR AYALA

A IRONIA COMO FUNÇÃO TERAPÊUTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Psicologia da Universidade Católica de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Martins

**BRASÍLIA
2014**



O Artigo de autoria de Joel Daniel Aguilar Ayala, intitulado “A IRONIA COMO FUNÇÃO TERAPÊUTICA” apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia pela Universidade Católica de Brasília, em 25 de novembro de 2014, defendido e aprovado pela banca examinadora abaixo assinado:

Prof. MSc. Dr. Francisco Moacir de Melo Catunda Martins

Orientador

Psicologia – UCB

Prof. Dr. Marcelo Duarte Porto

Psicologia - UEG

A IRONIA COMO FUNÇÃO TERAPÊUTICA

JOEL DANIEL AGUILAR AYALA

RESUMO: O presente trabalho pretende elaborar uma relação e significância do fenômeno “ironia” para a clínica psicoterapêutica, através do estudo dos processos de construção e significado do signo linguístico. O Objetivo é resgatar outro polo da utilização e representação da ironia que não esteja atribuída ao sarcasmo ou deboche como intenções comunicativas. A constituição popular e contextos nos quais a ironia está presente são vastos, mas diferente do senso comum, há outros aspectos que envolvem a construção da ironia, estudados nas produções de Kierkegaard, White, Vico e Freud, autores que analisam minuciosamente o tropo, a sua construção, significado, funções e usos.

Palavras-chave: Ironia, Tropos, Psicanálise.

1. INTRODUÇÃO

Parecemos ser uma espécie que é movimentada pelo desejo de realizar e fabricar significados, de certa forma nós somos *Homo Significans*, ou seja, criadores de significados, e nesta criação de significados estão às preocupações dos semióticos (CHANDLER, 1998, p. 21).

Um pensamento pode, em geral, ser expresso por várias formas linguísticas - ou seja, por várias palavras - que podem representá-lo com igual aptidão (FREUD, 1996, p. 25).

Então, como definimos uma expressão através da palavra com um desvio de significado? Como transmitimos uma intenção comunicativa com palavras contrárias? Zimerman descreve um conceito sobre este fenômeno linguístico na obra sobre etimologia de termos psicanalíticos, trazendo uma introdução sobre a Ironia.

É uma espécie de sarcasmo, isto é, uma zombaria maliciosa, nem sempre agressiva, tanto que muitos a utilizam como um método de discussão ou até mesmo como um recurso pedagógico. Desta forma, cabe lembrar que as figuras dos dois grandes filósofos gregos, Sócrates e Platão, utilizavam a ironia com os seus discípulos, primeiramente como método de avivar a discussão sobre qualquer assunto mais complexo, depois começaram a fingir que não sabiam as respostas às perguntas que eles plantavam e estimulavam os alunos a responderem, para então ridicularizá-los com as respostas corretas (ZIMERMAN, 2012, p. 168).

São várias as figuras de linguagem que possuem desvios de significados. A ironia está imersa no campo da semiótica, a partir do momento em que esta é considerada como um signo linguístico provido de significado, e esta relação (signo-significado) é constituídos de maneira convencional e arbitrária (CHANDLER, 1998, p. 23).

Na antiga Grécia, Sócrates quanto Platão, passaram a utilizar a *retórica*. Vejamos o que Zimerman coloca sobre o assunto:

[...] o orador fingia ignorar o assunto em pauta para então interrogar o auditório e, após o insucesso dos ouvintes, os aludidos filósofos traziam as respostas e eles próprios davam as devidas soluções aos problemas levantados. Na atualidade, a ironia, obedecendo a mesma tática de formular interrogações, é bastante utilizada como instrumento de agressão contra desafetos, rivais, opositores, com o objetivo de humilhar e ridicularizar a quem julgam ser inimigos (ZIMERMAN, 2012, p. 168).

O instrumento de agressão ao qual se refere Zimerman (2012) é a propriedade que a ironia possui atualmente, pelo menos através de um viés popular. Porém, a figura de linguagem, do ponto de vista de Kierkegaard (1991), coleta outras vertentes desta visão, assim o autor esclarece:

Às vezes, a figura de linguagem irônica tem uma propriedade que também é característica para toda ironia, *uma certa nobreza*, que provém do fato de que ela gostaria de ser compreendida, mas não diretamente, e tal nobreza faz com que esta figura olhe como que de cima para baixo o discurso simples que cada um pode compreender sem dificuldades; ela como que viaja na carruagem nobre do incógnito e desta posição elevada olha com desdém para o discurso pedestre comum (KIERKEGAARD, 1991, p. 216).

O que se pretende realizar no presente trabalho são a análise e a construção sobre este segundo viés e conceito que a ironia pode constituir para as relações, principalmente para a clínica. Para tal efeito, utilizamos recursos literários do acervo científico da filosofia, semiótica e psicanálise. No decorrer das páginas, abordaremos desde os primórdios, a forma em que os signos linguísticos se constituíram, especificamente a “ironia”. Veremos como eles surgiram na comunicação. A ironia dispara um pensamento e julgamento muitas vezes equivocado, já que o seu viés atual é do sarcasmo e da humilhação como citado anteriormente, portanto, pretende-se desmembrar de forma regressiva temporal e historicamente a evolução deste termo e suas implicações no processo psicoterapêutico.

2. OBJETIVO

O presente trabalho “A Ironia como Função Terapêutica” pretende ser um instrumento de reconstrução e constituição de um novo viés e representação do tropo “ironia” como signo linguístico capaz de ser um elemento benéfico do ponto de vista da clínica psicoterapêutica.

2.1. OBJETIVO ESPECÍFICO:

Apresentar através da teoria científica da filosofia, semiótica e psicanálise, a historicidade do significado e produção do termo “ironia”, através das obras de Kierkegaard, Freud, White, Vico e Zimmerman.

3. MÉTODO:

O Método estabelecido para o seguinte trabalho trata-se de um artigo científico de análise de conteúdos de estudos publicados por autores que abordam a ironia, e assim categorizar e classificar as principais teorias postuladas por eles a partir de exemplos sobre diálogos onde a ironia está presente como recurso de intencionalidade comunicativa.

4. OS TROPOS E A REPERCUSSÃO NA CULTURA LINGUÍSTICA

Assim como estudos relacionados com a constituição da língua como signo linguístico que uma determinada cultura possui, existem estudos relacionados com a complexidade do significado atribuído a este elemento que se apresenta como fundamental para a comunicação, porém, não é qualquer significado, não é o significado literal, concreto, específico e objetivo apenas, também é abstrato, sinuoso, confuso às vezes, incompreensível em outras ocasiões, então, como nasce e qual é a classificação dos diversos sentidos que os elementos comunicativos possuem em nossas culturas? White (1994) descreve um vasto arcabouço literário científico referente a este campo que estuda estas variantes e a historicidade das composições, devido à sua ampla bibliografia conceitual, quando se refere aos tropos, descreve que *trópico*, de tropo, deriva do grego clássico que significa “mudança de direção”, logo, no latim clássico o representa como “metáfora” ou “figura de linguagem”. Ao final destas duas correntes, ele cita:

Quando procuramos explicar tópicos problemáticos como natureza humana, cultura, sociedade e história, nunca dizem com precisão o que queremos

dizer, nem expressamos o sentido exato do que dizemos. Nosso discurso sempre tende a escapar dos nossos dados e voltar-se para as estruturas de consciência com que estamos tentando apreendê-los (WHITE, 1994, p. 13).

Os “Trópicos” como o autor menciona, são todas as formas em que a palavra pode constituir-se, são as diferentes rotas que um mesmo componente linguístico pode ocasionar. Quando proferimos uma mesma palavra em diversos contextos, esta pode adotar novos conteúdos do original, este desvio é qualificado como “Tropo”, desta forma, White (1994) acrescenta o seguinte:

Os Tropos geram figuras de linguagem ou de pensamento mediante a variação do que “normalmente” se espera deles e por vias das associações que estabelecem entre conceitos que habitualmente se supões estarem ou não relacionados de maneiras diferentes da sugerida no tropo utilizado [...] Assim considerado, o emprego de tropos é ao mesmo tempo um movimento que vai de uma noção *de* uma noção do modo como as coisas estão relacionadas *para* outra noção, e uma conexão entre coisas de modo tal que possam ser expressas numa linguagem que leve em conta a possibilidade de serem expressas de outra forma (WHITE, 1994, p. 14).

Indo para o campo psicológico, referente a uma versão psicanalítica do fenômeno, os tropos se comportariam como mecanismos de defesa, como formas de contrariar o discurso, assim como acontece com o recalque, a regressão, a projeção, entre outros, constituem, portanto, defesas contra a percepção da psique (WHITE, 1992, pg. 15).

4.1. METÁFORA

Segundo Comte-Sponville, a metáfora é uma figura de estilo. É uma comparação implícita, que faz utilizar uma palavra no lugar da outra, em razão de certas analogias ou semelhanças entre os objetos comparados (COMTE-SPONVILLE, 2003, p. 387). Por exemplo: “ele tem uma vontade de ferro”, para designar uma vontade forte, como o ferro (HOUAISS, 2009, p. 1281).

4.2. METONÍMIA

A metonímia também é uma figura de estilo. Porém, Comte-Sponville a diferencia da metáfora:

[...] figura de estilo pela qual uma palavra é utilizada no lugar de outra, não em virtude de uma comparação implícita, como na metáfora, mas em razão de uma relação, mais ou menos necessária e constante, de vizinhança ou de independência [...] essa transferência da significação que a metonímia demonstra e que, desde sua aparição em Freud, é apresentada como o meio mais adequado para eludir a censura (COMTE-SPONVILLE, 2003, p. 389).

Vejamos o exemplo: Venâncio tem um restaurante muito conhecido que leva seu nome, assim, posso dizer: “vamos hoje ao Venâncio” ao invés de “ao **restaurante** do Venâncio” (HOUAISS, 2009, p. 1281).

4.3. SINÉDOQUE

Segundo o Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, a sinédoque é um tipo especial de metonímia baseada na relação quantitativa entre o significado original da palavra us. e o conteúdo ou referente mentado (HOUAISS, 2009, p. 1748).

Isto quer dizer que, frases parciais podem vir a serem construídas com uma ou várias palavras de conteúdo diferente ao significado inicial. Vejamos na frase: “A maldade do homem” ao invés de “a maldade do **ser humano**”. Substitui-se “ser humano” pela palavra “homem” (HOUAISS, 2009, p. 1748).

5. FORMAÇÃO E DINÂMICA DOS TROPOS

White traz em um dos seus capítulos, o extraordinário filósofo italiano, Gianbattista Vico para teorizar e explicar através da sua “Ciência Nova¹”, um novo modelo *sui generis* de análise dos fenômenos sociais e culturais das populações, das nações, dos povos, a partir de vários pilares, entre eles a linguística. Vico acreditava e via necessário um aparato conceitual de filosofia da história para analisar e estruturar a natureza física considerar-se-ia, portanto, a comunicação como uma delas (WHITE, 1994, p. 219).

A linguagem que é abordada por Vico, segundo White (1994) é tratada minuciosamente, já que há aspectos a serem considerados devido à diferença do seu uso em uma comunidade falante e em outra. Assim, Vico questiona sobre a natureza do poder criativo da linguagem, outorgando resposta à mesma, através de uma análise da natureza da metáfora (WHITE, 1994, p. 225).

White (1994), em um dos trechos mais exemplificadores, relata o seguinte a respeito da teorização da metáfora criada por Vico:

A teoria da metáfora criada por Vico é desenvolvida no contexto de sua discussão da “lógica poética” e funciona como uma chave para essa discussão. No tratamento de Vico, a lógica poética designa as formas pelas quais as coisas, tal como são apreendidas pelo homem primitivo, são significadas (§ 400). Uma vez que os primeiros homens eram “feras estúpidas, insensatas e horríveis”, o seu conhecimento das coisas não era “racional e abstrato”, mas apenas “sentido e imaginado” (§ 375). A sua “metafísica”, diz Vico, era a sua “poesia”; ou, em outras palavras, devido à sua capacidade poética, eles criaram, ou intuíram, uma metafísica – uma consciência da natureza das coisas (*ibid*). Projetando as imagens das suas próprias naturezas sobre o mundo inanimado mais amplo - a terra, o céu e o mar - , fizeram “de toda a natureza um vasto corpo animado que sente paixão e efeitos” (§ 377) (WHITE, 1994, p. 225).

Com este enunciado, podemos explicar de onde é que vem esse poder criativo que a nossa linguagem possui, de que lugar emana a nossa criatividade ao transformar os sentidos e conceitos do que dizemos e como são formados os tropos.

Para ajudar-nos no conceito da metáfora, Chandler (1998) argumenta o seguinte:

A metáfora expressa o que não é familiar (conhecido no jargão literário como “enunciado”) desde o ponto de vista do familiar (o veículo). O enunciado e o veículo não estão relacionados normalmente: nós devemos realizar um salto imaginativo para compreender uma metáfora nova (CHANDLER, 1998, p. 69).

Assim, na relação da semiótica de Chandler com o signo linguístico “metáfora”, esta se apresenta na forma de um emparelhamento, onde dois elementos linguísticos (frases, palavras, orações, etc.), um desconhecido e outro conhecido, se juntam para constituir uma única unidade comunicativa, de tal forma que, por meio deste recurso,

consigamos transmitir aquilo que desejamos para nosso interlocutor. Se este não consegue absorver a intenção comunicativa, podemos recorrer à metáfora para criar vias que tornem possíveis os atos comunicativos.

6. NASCIMENTO DA IRONIA

White (1994) aprofunda ainda mais os estudos realizados por Vico em relação à composição da dinâmica linguística. Este inicia salientando o tropo “metáfora” através da seguinte afirmação:

[...] o tropo “mais luminoso e, portanto, o mais necessário e frequente” é a metáfora, mas a metáfora de um tipo específico, isto é, aquela em que “sentido e paixão” são atribuídos a “coisas insensíveis”. Foi por esse tipo de projeção metafórica que “os primeiros poetas atribuíram aos corpos o ser de substâncias animadas, com capacidade medidas pelas suas próprias, a saber, sentido e paixão, e desse modo as converteram em fábulas” (§ 377) (WHITE, 1994, p. 227).

Através deste trecho, entendemos como são compostas as metáforas e qual dimensão e importância estabelece para o movimento do ser humano no mundo, principalmente quando nos referimos à metafísica. É importante esclarecer que, o autor diferencia a palavra “fábula” daquela que conhecemos atualmente. Assim, “fábula” não é vista como uma estória, e sim uma relação de operação nomeativa, na qual o não familiar é nomeado com o familiar. Por exemplo, cita como elemento exemplificador, a obtenção do homem primitivo da significância do trovão como “raiva”, devido ao medo que este provocava pelo som alto, e o seu reconhecimento com o estado emocional, de um homem furioso (WHITE, 1994, p. 227).

Vico (2005) distingue três tropos como constituintes da base de uma teoria da dinâmica linguística, estes são: Metáfora, Metonímia e Sinédoque, onde a segunda funciona como causa do efeito dos diversos fenômenos que repercutem no ser humano para uma posterior personalização das ações, criando, por exemplo, desta maneira, condições necessárias para a institucionalização da religião primitiva: a divinação. E a terceira como elemento que transforma as particularidades da metonímia, com atributos específicos, onde esta se move da ideia mais particular para a mais geral.

Acrescentando sobre a metonímia, recorreremos para um conceito objetivo, à obra de Chandler (1998), onde descreve o seguinte:

A metonímia compreende um exemplo individual (exemplo: uma mãe) que representa a categoria geral relacionada com esta (por exemplo: maternidade), ou mais especificamente, a um detalhe associado (tal como uma barra de ouro), que representa a um objeto (assim como os cigarros *Benson & Hedges*). As metonímias podem ser visuais e verbais, assim como as metáforas (CHANDLER, 1998, p. 69).

Com estas considerações, White (1994) finaliza a explicação das relações estruturais dos tropos trazida por Vico, onde este as denomina como sua “lógica poética” representada pelo seguinte trecho:

O pensamento primitivo opera, segundo ele, exatamente de acordo com os mesmos princípios da linguagem figurativa (ou poética), mas com a diferença de que, enquanto o poeta moderno é capaz de distinguir entre linguagem figurativa e literal, e de utilizar a primeira de maneira autoconsciente para

lograr tipos específicos de efeitos poéticos, presume-se que o homem primitivo era capaz a princípio de falar apenas figurativamente e de pensar em alegorias, e denotativas, do mundo exterior (WHITE, 1994, p. 229).

Contudo isto, a importância de reconhecer as disparidades destas representações figurativas da realidade e os objetos: da metáfora, metonímia e sinédoque, é alicerce para o estabelecimento da possibilidade de constituir o quarto tropo, a ironia (WHITE, 1994, p. 229), e sobre ela descreve o seguinte:

A ironia, afirma Vico, “é formada de falsidade, por força de uma reflexão que veste a máscara da verdade”. A ironia representa um estágio na evolução da consciência no qual a própria linguagem se tornou objeto de reflexão, e a percebida inadequação da linguagem à plena representação do seu objeto veio a ser considerada como um problema. O discurso irônico pressupõe uma percepção da possibilidade de fingir, de mentir ou de dissimular. Dessa maneira, diz Vico, “a ironia não poderia certamente ter começado antes do período da reflexão”, pois, “já que os primeiros homens do mundo gentio tinham a simplicidade das crianças, que são sinceras por natureza, as primeiras fábulas não poderiam fingir uma coisa falsa” (§ 408) (WHITE, 1994, p. 229).

Estes são os primeiros traços da ironia resgatados por White (1994). Através deste trecho, conseguimos argumentar sobre o nascimento da ironia e sobre a sua arqueologia genesíaca. É também necessária assinalar a semelhança no discurso quando comparado com Kierkegaard (1991), com a impossibilidade de a ironia emergir antes dos outros elementos constituintes já citados, já que este último exemplifica na ordem de construção da ironia, a incapacidade por crianças desenvolverem este recurso. (KIERKEGAARD, 1991, p. 215).

O tropo “ironia” não deve ser compreendido de maneira concreta, linear e absoluta com as apresentações anteriores, o que é de fato importante, é a coleta de informações que proporcionam um conceito inicial como já foi citado anteriormente. Acrescentando ao parágrafo anterior sobre a ideia de verdade e falsidade, White esclarece:

A ironia pressupõe a percepção da distinção entre verdade e falsidade, da possibilidade de representar erroneamente a realidade na linguagem e da diferença entre uma representação literal e uma figurativa (WHITE, 1994, p. 230).

Portanto, os tropos no geral não devem ser considerados como formas de expressão engenhosas de eras mais complexas da civilização avançada, mas antes, os modos de expressão necessários dos homens primitivos (White, 1994, p. 230). Com isto, o que se entende é que as formas da comunicação nos primórdios, não possuíam arbitrariedades significativas, ou seja, os desvios da comunicação e dos sentidos nasceram espontânea e naturalmente de acordo com as necessidades de cada tempo e com as circunstâncias. White (1994) menciona em relação aos tropos:

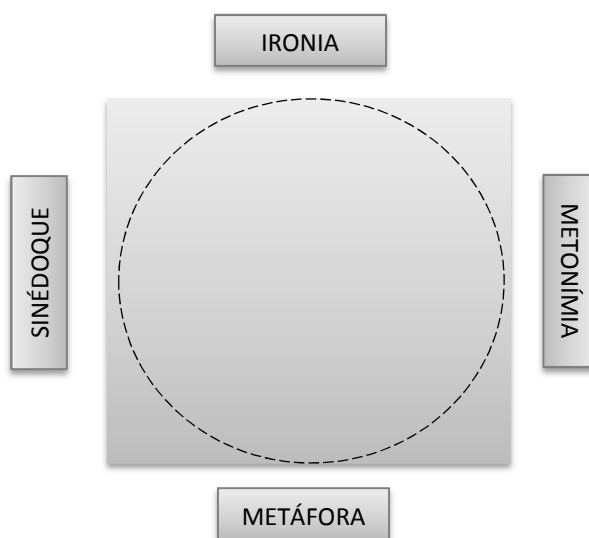
Eles se tornaram as *bases* da linguagem figurativa somente quando, “com o desenvolvimento ulterior da mente humana, foram inventadas palavras para significar formas ou gêneros abstratos que compreendem as suas espécies ou relacionam as partes com o seu todo” (*ibid*) (WHITE, 1994, p. 230).

A ironia como parte dos tropos, torna-se o último vagão em uma progressiva e evolutiva forma discursiva, um signo linguístico complexo, amplo e rico em projeção.

Desse modo, diferencia-se da metáfora, metonímia e da sinédoque, pois esta possui uma percepção especial (White, 1994). A ironia é tácita, desperta um interesse particular, um segredo para ser desvendado, uma incógnita, algo oculto, escondido, prestes a realizar a sua aparição triunfal. O autor conclui estabelecendo a disparidade da afirmação com a realidade que ela gera e representa com o seguinte trecho:

O discurso irônico invoca implicitamente a distinção entre a elocução verdadeira e a falsa e, assim, indica a distinção entre representação literal e figurativa, constituindo assim, a base de todas aquelas ciências que, graças ao emprego de sentidos estipulados, buscam conscientemente não apenas fazer afirmações verdadeiras sobre o mundo mas também revelar o erro ou inadequação de qualquer caracterização figurativa dele (WHITE, 1994, p. 230).

Fig. 1: Representação dos Tropos de Linguagem.



Fonte do autor.

7. SOBRE A IRONIA E SEU CONCEITO:

7.1. IRONIZAR:

Para começar com a discussão sobre o conceito de ironia, recorreremos em primeiro lugar aos dicionários de língua portuguesa, assim como aos especializados. André Comte-Sponville (2003) no seu Dicionário de Filosofia descreve:

Ironizar é zombar dos outros, ou de si como se fosse outro (na autoderrisão). A ironia põe à distância, afasta, repele, rebaixa. Ela visa menos rir do que rir. Menos divertir do que desenganar. Como Sócrates, com relação a todos os saberes, e ao seu próprio. Ele interroga (*eironeia*, em grego, é interrogação), mesmo que, às vezes, tenha de fingir ignorar o que sabe, para tentar descobrir o que ele ignora ou o que não é possível saber. A ironia é o contrário de um jogo: ela pertence menos ao princípio de prazer, diria Freud, do que ao princípio de realidade, menos ao lazer do que ao trabalho, menos à paz do que ao combate. Ela é útil: nisso está sua força, ao mesmo tempo que seu limite. É uma arma, é uma ferramenta, e somente isso. Um meio, nunca um fim. Às vezes indispensável, nunca suficiente. É um meio de se valorizar, ainda que à própria custa. É o momento do negativo, que só é suportável

como momento. O espírito sempre nega, mas evita cuidadosamente, na ironia, negar-se a si mesmo: é um riso que se leva a sério. Como alcançaria o essencial, se nos separa dele? “Alcancem as profundezas”, aconselhava Rike: “a ironia não desce até lá”. Isso não valeria para o humor, e basta para distingui-los (COMTE-SPONVILLE, 2003, p. 325).

Já o Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa nos traz outro conceito sobre a Ironia.

Retórica: figura por meio da qual se diz o contrário do que se quer dar a entender; uso de palavra ou frase de sentido diverso ou oposto ao que deveria ser empregado, para definir ou denominar algo [A ironia ressalta do contexto.]. **Literatura:** esta figura, caracterizada pelo emprego inteligente de contrastes, uso literariamente para criar ou ressaltar certos efeitos humorísticos. Uso de palavra ou expressão sarcástica; qualquer comentário ou afirmação irônica ou sarcástica. **Sentido Figurado:** contraste ou incongruência que se afigura como sarcasmo ou troça; acontecimento marcado por esse contraste ou incongruência (HOUAIS, 2009, p. 1110).

Os trechos acima são citados para organizar conceitualmente o fenômeno que emerge da ironia. Assim, é necessário perpassar pelos principais textos da literatura científica para discernir a utilidade que ela possui diante das funções em terapia.

Realizando um estudo de épocas pré-cristãs, salientamos a magistral obra de Kierkegaard (1991) sobre Sócrates, desvendando através de uma análise minuciosa e categórica o fenômeno da ironia citado frequentemente pelo filósofo na antiga Grécia, como recurso da sua maiêutica. Kierkegaard, filósofo e teólogo dinamarquês, descreve perspectivas diferentes elaboradas por Platão, Aristófanes e Xenofontes sobre o que estes conheciam de Sócrates, desta maneira, Kierkegaard, descreve as aparições do fenômeno “ironia” e a sua função. Em um enunciado concreto e objetivo, ele afirma: o que Sócrates dizia significava algo de diferente (KIERKEGAARD, 1991, p. 25).

8. A IRONIA EM KIERKEGAARD:

Nas observações e considerações iniciais da síntese que Kierkegaard (1991) evoca na sua obra sobre o conceito de ironia, plantea a mesma como um discurso retórico, com características específicas em dizer o contrário do que se pensa, porém, realizando a seguinte consideração sobre ela:

Ai já temos uma definição que percorre toda a ironia, ou seja, que o *fenômeno não é a essência, e sim o contrário da essência*. Na medida que eu falo, o pensamento, o sentimento mental, é a essência, a palavra é o fenômeno. Estes dois momentos são absolutamente necessários, e é neste sentido que Platão observou que todo pensar é um falar. A verdade exige então a identidade; pois se eu tivesse pensamento sem a palavra, não teria pensamento, e se eu tivesse a palavra sem o pensamento, também não teria a palavra, assim como não se pode dizer das crianças e dos loucos que eles falam (KIERKEGAARD, 1991, p. 215).

Com esta consideração, seria válido argumentar que, como fenômeno inicial, a ironia requer uma construção de duas vias, uma integração do pensamento com a palavra, com o signo linguístico para transmitir e perpetuar sua intenção. Chama a atenção o trecho final onde salienta as crianças e os “loucos”, como aqueles personagens que dificilmente ou claramente não conseguem constituir esta “ironia”

devido à imaturidade. No primeiro caso, da relação entre pensamento e palavra, e no segundo, devido à desorganização cognitiva (KIERKEGAARD, 1991, p. 215).

Para a clínica, sinalizamos os conceitos mais elaborados por Kierkegaard (1991), quando reporta que, a ironia como recurso de comunicação, não é transmitido horizontalmente, através de palavras diretas e objetivas, porém, de um contexto repleto de um complexo construto de significados. Assim, ele sugere:

Em todos estes casos a ironia se mostra como aquela que compreende o mundo, que procura mistificar o mundo circundante, não tanto para ocultar-se quanto para fazer os outros se revelarem (KIERKEGAARD, 1991, p. 219).

A diferenciação expressa e categórica da ironia sarcástica da ironia fina tem seu teor argumentativo em Kierkegaard (1991), através da exposição exemplificada e assemelhada à dúvida. Assim, o autor define:

A diferença entre todas estas *manifestações de ironia* até aqui mencionadas é por tanto apenas quantitativa, um mais ou menos, enquanto a ironia *sensu eminentiori* (no sentido mais elevado, mais próprio) se diferencia qualitativamente da ironia até aqui descrita, assim como a dúvida especulativa se diferencia qualitativamente da dúvida vulgar e empírica (KIERKEGAARD, 1991, p. 221).

Por este motivo, acrescenta na qualificação da ironia, como um recurso de caráter nobre, particular, do qual a clínica pode se prover, já que a partir deste enunciado, conseguimos extrair um conceito concreto sobre o valor de uma ironia desconstruída dos olhares atuais no senso comum, que transcende a consequência sarcástica, humilhante.

9. O CHISTE (DER WITZ):

Freud (1996) comenta acerca da particularidade que o chiste possui e a constituição do mesmo. Para tal efeito, afirma objetivamente que o chiste é a habilidade de encontrar similaridades entre coisas dessemelhantes (FREUD, 1996, p. 19).

A introdução dos chistes na obra freudiana se apresenta com uma relação estreita com a ironia, talvez sendo o mesmo tropo, porém, como citado anteriormente sobre a ironia, tanto ela quanto o chiste, possuem características específicas nas quais, elementos de técnica, significado, propósito e consequência, são comuns a ambos. Esta habilidade de encontrar similaridades entre coisas semelhantes é um desvio na comunicação, da evolução da linguagem como é definido por White (1994).

Em outro trecho do seu discurso, citando Fischer, Freud (1996) expõe a capacidade e qualidade que o chiste envolve quando este é transmitido com o seguinte enunciado: habilidade de fundir, com surpreendente rapidez, várias ideias (FREUD, 1996, p. 19).

Para este processo, como discursamos anteriormente através de Kierkegaard (1991), é necessário o desenvolvimento intelectual no ser humano para o desenvolvimento desta habilidade que permita fundir muitas ideias e condensá-las para exprimir a sua essência. Por outro lado, Freud também menciona que há outras maneiras de conceituar os chistes. Outras ideias, mais ou menos inter-relacionadas, que têm

emergido para a definição ou a descrição dos chistes, são as seguintes: ‘um contraste de idéias’, ‘sentido no nonsense’, ‘desconcerto e esclarecimento’ (FREUD, 1996, p. 19).

Acrescenta: Um chiste é ‘a conexão ou a ligação arbitrária, através de uma associação verbal, de duas idéias, que de algum modo contrastam entre si’ (FREUD, 1996, p. 19).

Para continuar a discussão sobre a relação do chiste com a ironia e seu processo psicológico, precisamos discorrer sobre o Título Original da obra de Freud (1996): “Os Chistes e sua relação com o Inconsciente”, em alemão “*Der Witz und seine Beziehung zum Unbewußten*”, isto se faz necessário devido à palavra “*Witz*” que traduzido literalmente ao português, descreve-se como “chiste”, porém, com uma significância complexa e diversificada. Sendo assim, citamos parte do trecho no prefácio do texto:

Há, entretanto, uma dificuldade muito mais séria na tradução deste trabalho particular - uma dificuldade terminológica que o atravessa em sua totalidade. Por uma estranha fatalidade (cujas causas seria do maior interesse investigar) os termos alemães e ingleses cobrindo os mesmos fenômenos parecem nunca coincidir; são sempre aparentemente ou amplos ou estreitos demais - deixando lacunas entre si, ou superpondo-se. O próprio título do livro, ‘*Der Witz*’ já se nos depara um importante problema. Traduzi-lo como ‘wit’ abre as portas para mal-afortunadas incompreensões. No uso inglês normal ‘wit’ e ‘witty’ têm um sentido altamente restrito e aplicam-se apenas a uma espécie de chistes mais refinados ou intelectuais. O mais sumário exame dos exemplos nestas páginas mostrará que ‘Witz’ e ‘witzig’ possuem conotação muito mais ampla. ‘Joke’ (chiste) por outro lado parece ser ampla demais e cobrir igualmente a alemã Scherz. A única solução para este, e para dilemas similares, parece ser a adoção de uma palavra inglesa para alguma correspondente alemã, mantê-la consistente e invariavelmente mesmo se parece errada em um determinado contexto. (FREUD, 1996, p. 14-15).

Com esta consideração, pretende-se esclarecer que, o apartado a seguir trata da característica espirituosa do chiste, do aspecto nobre do seu significado. Inicialmente Freud (1996) expõe nos primeiros capítulos, diversas técnicas para a elaboração dos chistes. Através de exemplos, consegue mapear o padrão comum a várias categorias. O que queremos resgatar da obra freudiana sobre os chistes não é o uso sarcástico e humilhante, mas aquele que propõe um propósito mais nobre e benéfico em uma relação terapêutica. Para exemplificar, recorremos ao seguinte enunciado:

10. CLASSIFICAÇÃO E PROPÓSITOS DOS CHISTES:

Sobre este apartado Freud realiza uma classificação, construindo dois grupos que, por sua vez, abrangem duas categorias cada uma, portanto, a classificação acontece da seguinte forma: em relação à **técnica** temos; **verbais** e **conceptuais** e, em relação às **características**; **abstratos** e **tendenciosos** (FREUD, 1996, p. 91).

A **técnica conceptual** pode ser expressa pelo autor através de um exemplo bem representativo:

Eis uma anedota americana: ‘Dois homens de negócio, não particularmente escrupulosos, conseguiram, por meio de uma série de empreendimentos de alto risco, acumular grande fortuna, e faziam agora sérios esforços para introduzir-se na boa sociedade. Um método, que impressionou-os como de provável êxito, era ter seus retratos pintados pelo mais famoso e mais bem pago artista da cidade, cujos quadros gozavam de alta reputação. As preciosas telas foram exibidas pela primeira vez em um grande sarau e os

próprios anfitriões conduziram o crítico e *connaisseur* de arte mais influente até a parede de onde pendiam os retratos lado a lado, para desfrutar o seu admirado julgamento a respeito. Após estudar os trabalhos por longos instantes, o crítico balançou a cabeça como se algo estivesse faltando e indicando o espaço vazio entre os quadros, perguntou calmamente: “Mas onde está o Salvador?” (I.e. “Não vejo o quadro do Salvador.”) (FREUD, 1996, p. 77).

Freud (1996) esclarece que, através da técnica utilizada neste trecho, não há como representar a alusão que o crítico faz diante dos quadros com palavras cujo conteúdo seja transmitido literalmente aos seus ouvintes (os homens de negócio), portanto, o que se pretende é representar alguma coisa, que não pode ser expressa diretamente (FREUD, 1996, p. 77). Freud explica o chiste conceptual citado anteriormente:

Podemos adivinhar pela pergunta ‘Onde está o Salvador? Onde a imagem do Salvador?’ que a visão dos dois quadros recordou ao locutor uma visão semelhante, familiar a ele, que incluía entretanto um elemento ora omitido - a figura do Salvador entre duas outras. Há apenas uma situação desse tipo: Cristo crucificado entre dois ladrões (FREUD, 1996, p. 77-78).

Este recorte serve-nos para realizar uma relação com o tropo ironia, devido ao caráter implícito da mensagem e seu claro desvio de sentido, já que há uma intenção do crítico em querer comunicar algo sem ser direto, mas sendo ao mesmo tempo “direto e objetivo”, a intenção é a crítica da moral dos homens de negócio, como eles pretendem vender e persuadir uma imagem limpa, quando, pelo contrário, está repleta de trilhas manchadas?

Sobre a técnica conceptual é importante salientar que esta possui uma forma de pensamento, ou seja, todo o caminho que percorre o chiste até originar uma consequência está pautado não nas palavras como elementos específicos dos quais extraímos isoladamente o efeito que os chistes geram, mas na compreensão de um todo, das frases e dos processos cognitivos que estão presentes quando os analisamos, refletimos e compreendemos os mesmos. Entre as técnicas que fazem parte desta categoria, Freud cita a representação indireta, o raciocínio falho, a unificação e a representação indireta (FREUD, 1996, p. 26).

Diferente do conceptual, a **técnica verbal** reside objetivamente nas palavras, no signo linguístico.

Mas, se o que faz de nosso exemplo um chiste não é nada que resida no pensamento, devemos procurá-lo na forma, na verbalização que o exprime. Temos apenas que estudar a peculiaridade de sua forma de expressão para captar o que se pode denominar técnica verbal ou expressiva desse chiste, algo que deve estabelecer íntima relação com a essência do chiste, já que, substituída por qualquer outra coisa, o caráter e o efeito do chiste desaparecem (FREUD, 1996, p. 26).

Isto quer dizer que, se não conseguirmos encontrar uma semelhança próxima nas palavras, assim como a forma em que ela é enunciada, não será possível elaborar um chiste. Vejamos exemplo a seguir: ‘...sentei-me ao lado de Salomon Rothschild e ele tratou-me como um seu igual - bem familionariamente.’ (‘Bader von Lucca.’) (FREUD, 1996, p. 135).

Os, elementos constitutivos do chiste localizam-se em trechos anteriores ao exemplo citado, porém o mais importante a sinalizar e discutir agora é a composição da palavra “*familonarmente*”, onde Freud discursa por meio do seguinte trecho:

[...] A palavra ‘familiär [familiarmente]’, na expressão não chistosa do pensamento, transformou-se no texto do chiste em ‘famillionär [familonariamente]’; e não pode haver dúvida de que é precisamente dessa estrutura verbal que dependem o caráter do chiste como chiste e o seu poder de causar riso. A palavra ora construída coincide, em sua posição anterior, com o ‘familiär’ da primeira sentença, e nas sílabas finais com o ‘Millionär’ [milonariamente] da segunda. A palavra representa, portanto, a posição ‘Millionär’ da segunda sentença e, mesmo, toda a segunda sentença, o que nos põe em condições de inferir que a segunda sentença tenha sido omitida do texto do chiste. Pode ser descrita como uma ‘estrutura composta’, constituída pelos dois componentes ‘familiär’ e ‘Millionär’, e é tentador fornecer um quadro diagramático da maneira pela qual se fez a derivação a partir daquelas duas palavras (FREUD, 1996, p. 27).

Assim, diferenciamos a técnica conceptual da verbal, onde a primeira reporta a análise do pensamento, do não dito como principal alicerce do chiste, e já a segunda, prioriza o jogo de construção fonética de novas palavras.

Seguindo a classificação, ocuparemos-nos agora das duas características que os chistes possuem. Eles são abstratos e tendenciosos. Chamamos de chistes **abstratos** aqueles que se comportam como inocentes e os tendenciosos, como contrários dos inocentes (FREUD, 1996, p. 91). Para esclarecer essa questão Freud coloca que:

É fácil adivinhar a característica dos chistes de que depende a diferença na reação de seus ouvintes. Em um caso, o chiste é um fim em si mesmo, não servindo a um objeto particular; em outro caso, o chiste serve a um fim - torna-se tendencioso. Apenas os chistes que têm um propósito correm o risco de encontrar pessoas que não querem ouvi-los. Os chistes não tendenciosos foram descritos por Vischer como chistes ‘abstratos’. Prefiro chamá-los ‘inocentes’ (FREUD, 1996, p. 91).

É importante esclarecer que, existem chistes abstratos ou inocentes que possuem métodos dos conceptuais e verbais. Também há chistes que operam com jogo de palavras e semelhança fônica (FREUD, 1996, p. 92). Vejamos o seguinte exemplo:

‘Uma pessoa gera um pensamento, uma segunda o leva a batizar-se, uma terceira tem filhos com ele, uma quarta o visita em seu leito de morte e uma quinta o enterra.’ (Analogia com unificação.) ‘Ele não apenas não acredita em fantasmas como ainda não tem medo deles.’ O chiste aqui consiste inteiramente na forma absurda da representação, que introduz, por comparação, as maneiras de pensar menos comuns enquanto assevera francamente o que se considera menos importante. Se o envoltório chistoso é removido, temos (a afirmação): ‘é muito mais fácil ficar livre do medo dos fantasmas intelectualmente que escapar dele quando aparece a ocasião’. Tal asserção não é absolutamente um chiste, embora se trate de uma descoberta psicológica correta e ainda bem pouco apreciada (FREUD, 1996, p. 92-93).

Os chistes inocentes ou abstratos possuem regras diferentes às dos tendenciosos, já que estes geralmente buscam insultar e ferir o outro (FREUD, 1996, p. 92). Já os primeiros produzem um efeito moderado; um nítido efeito de satisfação. Estes dificilmente merecem uma súbita explosão de riso como acontece com os tendenciosos (FREUD, 1996, p. 97).

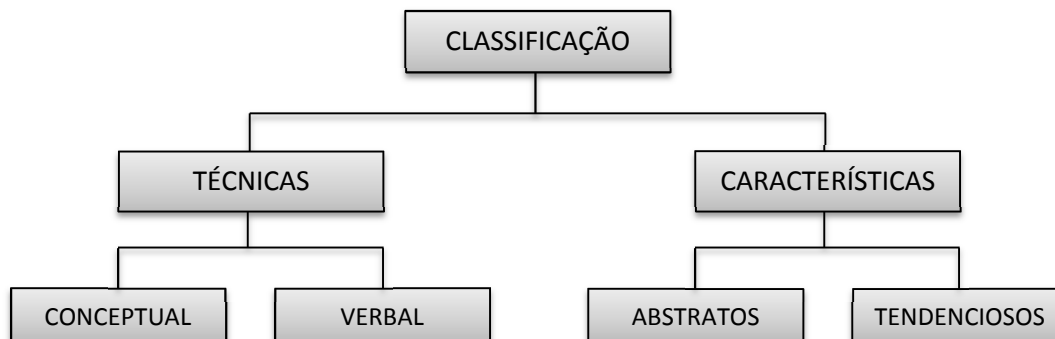
Há uma clara diferença entre ambas as características e diferentemente do primeiro grupo de classificação (conceptual e verbal) consideraremos os não tendenciosos (abstratos, inocentes) como aqueles com maior prioridade para análise do que os tendenciosos. Sobre os chistes inocentes e a sua consequência, Freud realiza uma observação:

[...] O agradável efeito dos chistes inocentes é em regra um efeito moderado; um nítido sentido de satisfação, um leve sorriso, é tudo o que em geral podem obter de seus ouvintes. Pode ser que mesmo parte desse efeito devesse ser atribuído ao conteúdo intelectual do chiste.[...] Um chiste não tendencioso dificilmente merece a súbita explosão de riso que torna os chistes tendenciosos assim irresistíveis. Já que ambos os tipos podem ter a mesma técnica, podemos suspeitar de que os chistes tendenciosos, em virtude de seu propósito, devem ter fontes de prazer disponíveis, às quais os chistes inocentes não teriam acesso (FREUD, 1996, p. 97).

Acrescentando sobre os elementos que permitem a perpetuação do chiste tendencioso, Freud cita os personagens necessários para que ele aconteça, isto nos serve para diferenciar ainda mais sobre os processos de construção de ambos os tipos de chistes.

[...] um chiste tendencioso requer três pessoas: além da que faz o chiste, deve haver uma segunda que é tomada como objeto da agressividade hostil ou sexual e uma terceira na qual se cumpre o objetivo do chiste de produzir prazer (FREUD, 1996, p. 100).

Fig. 2: Classificação dos chistes segundo Freud (1996).



Fonte do autor.

11. FUNÇÕES TERAPÊUTICAS:

Nesta seção do trabalho nos perguntamos: e como atribuímos à ironia, ao chiste uma função ou várias terapêuticas? Quando nos referimos à ação terapêutica, queremos extrair “o lado bom” dos recursos apresentados, aqueles sem unidade de maleficência. Foi importante realizar a distinção e classificação anteriores para discorrer agora sobre as funções.

Primeiramente, construindo uma relação de Freud com White e Kierkegaard, utilizaremos o seguinte trecho do primeiro autor para ir construindo as unidades de semelhança.

[...] Embora a elaboração do chiste seja um excelente método de derivar prazer dos processos psíquicos, é, não obstante, evidente que nem todas as pessoas sejam capazes de utilizar tal método: a elaboração do chiste não está

ao dispor de todos e apenas alguns dispõem dela consideravelmente; estes últimos são distinguidos como tendo ‘espírito’ [Witz]. O ‘espírito’ aparece nessa conexão como uma capacidade especial - mais do que como uma das velhas ‘faculdades’ mentais; parece emergir inteiramente independente das outras, tais como a inteligência, imaginação, memória etc. Devemos, portanto, presumir, nessas pessoas ‘espirituosas’, a presença de disposições especiais herdadas ou de determinantes psíquicos que permitem ou favorecem a elaboração do chiste (FREUD, 1996, p. 135).

White responde ao argumento de Freud quando este último cita os elementos necessários para o “dito espirituoso”, ele (White), como mencionado anteriormente, analisa o lugar onde este “dito espirituoso” se encontra e quais são as suas pré-qualificações para que este tropo aconteça (ver fig. 1), assim, podemos concluir a necessidade de capacidades cognitivas avançadas. Já Kierkegaard, que cita o pensamento e a palavra em uma ordem elevada, como mecanismos necessários para a construção e produção da ironia, está relacionado com Freud neste trecho, na maneira em que ambos coincidem na mesma necessidade de funções cognitivas específicas para o acontecimento.

O riso como consequência do dito espirituoso, da ironia, é um dos processos na função psíquica assim relatada por Freud no seguinte trecho:

Segundo nossa hipótese, portanto, encontram-se no riso as condições sob as quais uma soma de energia psíquica, usada até então para a catexia, encontra livre descarga. E já que o riso - não todo o riso, é verdade, mas certamente o riso originário do chiste - é uma indicação de prazer, inclinamo-nos por relacionar este prazer com a suspensão da catexia que fora previamente apresentada. Se verificamos que o ouvinte de um chiste ri, mas que seu criador não pode rir, isto pode nos levar a dizer que no ouvinte uma despesa catéxica foi suspensa e descarregada, enquanto na construção do chiste também encontramos obstáculos tanto à suspensão quanto à possibilidade de descarga (FREUD, 1996, p. 142).

Esta descarga de energia psíquica possui duas condições para seu acontecimento,

A primeira destas condições constitui-se em uma das qualificações necessárias à terceira pessoa enquanto ouvinte do chiste. É essencial que esta esteja em suficiente acordo psíquico com a primeira pessoa quanto a possuir as mesmas inibições internas, superadas nesta última pela elaboração do chiste. [...] todo chiste requer seu próprio público: partilhar o riso diante dos mesmos chistes evidencia uma abrangente conformidade psíquica. (FREUD, 1996, p. 144).

E a segunda condição:

[...] que possibilita a livre descarga - o impedimento de que a energia liberada seja utilizada de algum outro modo - parece de longe a mais importante. Ela fornece a explicação teórica da incerteza quanto ao efeito dos chistes quando os pensamentos expressos pelo chiste suscitam no ouvinte idéias poderosamente excitantes; neste caso, a concordância ou discordância entre os propósitos do chiste e o círculo de pensamentos dominante no ouvinte decidirá se a sua atenção permanecerá no processo chistoso ou lhe será retirada (FREUD, 1996, p. 145).

12. CONCLUSÕES:

Há possibilidade de metáforas, metonímias, sinédoques e ironias, aparecerem nos processos psicoterapêuticos sejam estes espontâneos ou produzidos, na relação psicoterapeuta-pacientes, identificá-los, organizá-los e aproveitá-los seria uma questão de qualificação do psicoterapeuta no manejo da semiótica e linguística. Estes elementos demandam preparo e conhecimento não só do significado dos tropos, mas da relação com os processos psicológicos. A ironia, tropo estudado, não seria apenas um signo linguístico com intenções de sarcasmo ou humilhação, mas refletido com outra possibilidade de intencionalidade como o dito espirituoso.

De acordo com o desenvolvimento histórico do uso do tropo “ironia” e a suas implicações no campo da construção da cultura comunicativa e como elas se desenvolveram, seu uso cotidiano está relacionado mais com o sarcasmo. Porém, é possível dizer que existe outra definição que nos oferece um sentido diferenciado que possui relevância para o processo psicoterapêutico.

O conceito de descarga de energia psíquica utilizada por Freud poderia ser transferido para a clínica psicológica, onde nos processos terapêuticos, existiriam possibilidades de originar, constituir e promover tropos na comunicação, do tipo irônico.

Se considerarmos que uma pessoa no consultório ou em outro ambiente em pleno processo psicoterapêutico requer de funções comunicativas de um nível avançado para a possibilidade da reflexão, podemos ser capazes de originar a partir de informações coletados na entrevista, nas sessões, etc. uma ou várias “ironias” nos momentos adequados, nos quais haja a necessidade. Por exemplo: Se com a linguagem específica, utilizada pelo terapeuta, acessível ao paciente, objetiva e clara, não conseguirmos transmitir e proporcionar um disparador para uma conduta reflexiva e/ou auto perceptiva das demandas, podemos utilizar modelos metafóricos, metonímicos ou de outra ordem figurativa de linguagem para que esta pessoa, através de uma catexia, possa colocar em prática o pensamento e outras funções cognitivas mais avançadas. Porém, em ocasiões há uma necessidade de comunicar algo para o paciente de forma oculta, secreta, implícita, não objetivando e direcionando linearmente nossos discursos. Isso porque pode provocar regressão na relação terapeuta-paciente. Podem ocasionar, portanto, prejuízo na pessoa, fazendo-se necessário um nível de comunicação superior aos da metáfora, metonímia e sinédoque, para observar e discriminar se o paciente consegue relacionar o meu postulado de caráter irônico, espirituoso, com o estado atual.

Sejam as formas como a ironia possa ser produzida, com características dos conceitos trazidos neste trabalho, é significativa a reflexão sobre a finalidade da mesma para a clínica, principalmente porque há formas de, através dela (ironia), destruir, humilhar ou provocar consequências infelizes, o que por sua vez originariam consequências negativas para o processo psicoterapêutico.

LA IRONÍA COMO FUNCIÓN TERAPÉUTICA

JOEL DANIEL AGUILAR AYALA

RESUMEN: El presente trabajo pretende elaborar una relación y significancia del fenómeno “ironía” para la clínica psicoterapéutica, a través del estudio de los procesos de construcción y significado del signo lingüístico. El objetivo es rescatar otro polo de utilización y representación de la ironía que no este atribuida al sarcasmo o al sentido de libertinaje como intenciones comunicativas. La constitución popular y contextos en los cuales la ironía está presente, son amplios, pero diferente del conocimiento popular, existen otros aspectos que envuelven la construcción de la ironía, estudiados en las producciones de Kierkegaard, White, Vico y Freud, autores que analizan minuciosamente el tropo, su constitución, significado, funciones y usos.

Palabras llave: Ironía, Tropos, Psicoanálisis.

REFERÊNCIAS

CHANDLER, D. **Semiotics: the basics**. Londres: Routledge, 1998.

COMTE-SPONVILLE, A. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FREUD, S. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KIERKEGAARD, S. **O conceito de ironia. Constantemente referido a Sócrates**. Trad. Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes, 1991.

VICO, Giambattista. **Princípios de (uma) Ciência Nova (acerca da natureza comum das nações)**. Seleção, tradução e notas do Prof. Antônio Lázaro de Almeida Prado. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 2005.

WHITE, H. **Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a Crítica da Cultura**. São Paulo: EDUSP, 1994.

ZIMERMAN, D. E. **Etimologia de Termos Psicanalíticos**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

ZIMERMAN, D. E. **Vivências de um Psicanalista**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

ZIMERMAN, D. E. **Vocabulário contemporâneo da psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 2001.